

AVALIAÇÃO EDUCACIONAL NOS *CADERNOS DE* *PESQUISA**

Heraldo M. Vianna

A avaliação muitas vezes é confundida com aplicação de testes ou provas, mesmo por pessoas que integram o contexto educacional e que nem sempre consideram a complexidade apresentada pelo quadro avaliativo em Educação. O assunto costuma ser objeto de controvérsias, sobretudo pela carência de uma teoria geral da avaliação. Sua primeira dimensão, centrada no estudante, procura verificar aspectos diversos: cognitivo (formativo e somativo) e não cognitivo (atitudes, interesses e aptidões), usando instrumentos vários (norma e critério), com formatos os mais variados. Essa avaliação, às vezes realizada com extrema ligeireza, tem as suas implicações: aprovação, reprovação e evasão escolar.

O campo da avaliação não se restringe ao aluno, envolvendo também o professor, o que determina a controvérsia: a quem cabe a avaliação dos professores? Aos diretores, a seus pares ou aos próprios alunos? Existem argumentos favoráveis e contrários a qualquer um desses elementos, sendo, entretanto, a avaliação do professor pelo aluno aquela que possivelmente retrata com mais fidedignidade suas virtudes

e seus defeitos; mas esse é um assunto que dificilmente perderá sua componente polêmica, face às implicações de seus resultados e suas repercussões na comunidade educacional e na sociedade global.

O desenvolvimento tecnológico tem promovido o surgimento de copioso material instrucional, que precisa (ou deveria) ser avaliado antes de sua adoção. O básico, no conjunto dos elementos instrucionais auxiliares, ainda é o livro, supostamente didático, que, no entanto, é sujeito a inúmeras improvisações sendo, na maioria das vezes, pouco criativo e, por isso mesmo, nem sempre atrativo para seus possíveis leitores, sobretudo as crianças. O livro, instrumento auxiliar do professor, quase nunca é avaliado no rigor de seu conteúdo e em sua metodologia, entre outros aspectos; desse modo, a repercussão e seu alcance nem sempre é aquela que seria desejável. Os elementos da mídia, por outro lado, começam a entrar, ainda que tardiamente, no mundo da escola, mas sem uma revisão crítica desse material bastante diversificado. Até que ponto exercem uma influência positiva no processo de aprendizagem ainda é uma incógnita. Pesqui-

* Especialmente preparado para o número comemorativo, este texto tem como referência básica os artigos publicados ao longo dos 20 anos dos *Cadernos de Pesquisa*.

sas de avaliação precisariam determinar o valor instrucional desse material, que às vezes apresenta de maneira visível deficiências de qualidade. As inovações tecnológicas são inúmeras (e altamente dispendiosas), mas nem sempre são adequadas às necessidades de nosso ensino, precisando, pois, de uma avaliação que indique seus méritos e esclareça, igualmente, suas deficiências.

Cursos são definidos e programas estabelecidos no âmbito da escola e no contexto empresarial, para fins de treinamento, mas a validade desses cursos e a de sua orientação programática muitas vezes não correspondem a uma realidade perfeitamente definida, por falta de uma avaliação adequada que caracterize sua imperiosidade no contexto educacional e social. O fracasso em sua implantação ou o insucesso de seus resultados decorrem, com bastante frequência, da carência de uma fundamentação, apoiada em dados da realidade, que expresse em termos de juízo de valor sua necessidade e a relevância de sua execução. A década de 70 assistiu a um certo modismo em relação à avaliação, especificamente à de currículos; mas esse ímpeto logo arrefeceu para ressurgir com maior amplitude nos anos 90, desta vez com vistas à avaliação institucional.

A avaliação de instituições, sobretudo a nível de universidade, tenta impor-se em nosso contexto educacional, enfrentando, contudo, numerosas resistências, especialmente as de natureza corporativa. Esforços difusos vêm sendo realizados, mas ainda não se descobriu um modelo adequado à realidade brasileira, bastante diversa daquelas que geraram os paradigmas muitas vezes seguidos, ainda que com adaptações. A adoção pura e simples de certas estratégias de avaliação, no caso institucional, à semelhança do que ocorre em relação à avaliação de currículos, nem sempre resulta no sucesso esperado, porque simplesmente reproduz idéias de avaliadores do Primeiro Mundo, sem considerar os elementos da ecologia educacional brasileira. Avaliar a avaliação é parte importante do trabalho do avaliador educacional, o que nem sempre se verifica, ou é feito em termos bastante incipientes.

A complexidade dos estudos de avaliação chega a seu ponto máximo na medida em que o próprio sistema educacional também precisa ser avaliado em função do contexto social, de variáveis externas às instituições e de características inerentes à própria escola, faculdade e/ou universidade. Uma pluralidade de elementos interage para determinar a funcionalidade do sistema ou sua inoperância em relação às expectativas nacionais, e somente por intermédio de uma avaliação é possível determinar sua eficiência na consecução de seus objetivos operacionais e em que medida o sistema como um todo interage com a sociedade.

As considerações anteriores resultaram de uma análise preliminar da produção científica, na área da avaliação educacional, apresentada na revista *CADERNOS DE PESQUISA*, números 1 a 78, durante seus 20

anos de existência (1971-1991), positivando-se que, nesse período, foram abordados diferentes temas de grande pertinência ao campo da avaliação:

Acesso à universidade: Barroso (1972); Oliveira (1972); Barroso e Mello (1975); Barroso e Barretto (1976); Ribeiro Netto (1978); Vianna (1980).

Aprovação, reprovação e evasão: Closs (1978); Gatti et al. (1981); Carraher e Schliemann (1983); Rocha (1983); Ribeiro et al. (1985); Almeida (1986); Dallago (1986); Rosemberg (1987); Patto (1988); Silva (1980).

Cursos e programas: Barretto e Menezes (1974); Barroso (1974); Ferretti (1974); Balzan (1977); Santarosa (1977); Franco e Balletta (1979); Tenca (1982); Araújo (1983); André e Candau (1984).

Desempenho lingüístico: Carone (1976); Fernandes (1976); Rodrigues (1976, 1977); Baccega (1977); Lemos (1977); Lima (1977); Mamizuka (1977); Negrão (1977); Osakabe (1977); Pécora (1977); Rodrigues e Freire (1977); Averbuck (1978); Soares (1978); Vianna (1978a).

Instrumentos de medidas e objetivos instrucionais: Barroso (1972); Gatti (1972); Goldberg (1972); Sanchez (1972); Alves (1975); Breen III (1975); Buchweitz (1975); Vianna (1976a, b, 1978b, 1981).

Material instrucional: Gatti e Goldberg (1974); Sander (1975); Araújo e Oliveira (1976); Rosenberg et al. (1979); Silva (1983); De Lella (1987).

Observação — interação aluno-professor: Mello (1975); André (1979); Barretto (1981).

Problemas metodológicos: Goldberg (1973); André (1984, 1990); Campos (1984); Demo (1984); Gonçalves (1984); Gouveia (1984); Krasilchik (1984); Ludke (1984); Thiollent (1984); Vianna (1989); Davis e Espósito (1990); Franco (1990).

Rendimento escolar: Poppovic (1972); Camargo (1977; 1990); Balzan (1978); Barroso e Mello (1978); Guirado et al. (1978); Buchweitz (1979); Castro et al. (1979); Marin (1980); Schiefelbein e Simmons (1980); Barretto (1981); Carraher, Carraher e Schliemann (1982); Davis e Dietzsch (1983); Moro (1983); Oliveira (1983); Conte (1984); Góes (1984); Silva (1986); Acioly (1987).

2º Grau e educação de adultos: Goldberg e Barretto (1973); Castro (1976); Velloso (1978); Vicentini e Assis (1983); Franco e Durigan (1984); D'Almeida (1988); Rosemberg (1989); Seiffert (1989); Silva (1990).

Treinamento e formação de educadores: Gatti e Mello (1972); Goldberg et al. (1974); Gatti et al. (1975a, b); Gatti e Bernardes (1977); Gatti, Rovai e Paro (1977); Feldens (1979); Mello, Maia e Britto (1983); Morais et al. (1986); Fusari e Cortese (1989); Campos (1990).

A análise do conteúdo dos trabalhos publicados nos CP mostra que a temática ligada à avaliação educacional é bastante diversificada, positivando-se, ainda, grande preocupação metodológica na abordagem dos assuntos que, ao final, são apresentados com

acentuado rigor científico. Observa-se, também, que os problemas da avaliação passam a merecer um enfoque teórico mais aprofundado a partir de 1973, quando diversos aspectos começam a ser discutidos, em toda a sua amplitude, com vistas, sobretudo, a uma conceituação mais precisa das várias dimensões da avaliação. Há, no início, uma preocupação maior em relação à avaliação como um processo ligado à eficácia (racionalidade nas decisões) e à eficiência (racionalidade da execução) de programas educacionais (Goldberg, CP11, 1973). Essa problemática, entretanto, não tem sido discutida mais amplamente pela comunidade, ficando limitada a algumas poucas referências, com base em teóricos que analisam contextos educacionais diversos do nacional.

Outro aspecto a destacar refere-se às metodologias qualitativas de avaliação, conforme os ensaios publicados no CP49. Ainda que restritos a alguns poucos assuntos, observa-se, entretanto, que os focos de interesse se estão ampliando com vistas ao estudo da escola. Há, contudo, um certo desconhecimento dos fundamentos teóricos das metodologias qualitativas, apesar da ocorrência de vários estudos de caso. E sobre esse assunto não podem deixar de ser consultados os trabalhos de André (CP49, 1984), Ludke (CP49, 1984) e Thiollent (CP49, 1984).

O estudo de caso, como forma de avaliação qualitativa, (ver Stake, 1983a,b), ainda que de emprego recente na área educacional, vem sendo utilizado com grande intensidade por educadores que, no entanto, nem sempre se apercebem de seus fundamentos epistemológicos e quase nunca se dão conta de suas bases teóricas, tornando essa forma de avaliação bastante vulnerável a críticas e confrontações a respeito de seu valor potencial em educação. Os trabalhos publicados nos CP mostram que o estudo de caso possui características bem distintas, que fazem com que tenha múltiplas possibilidades na avaliação educacional, especialmente quando se objetiva um retrato das múltiplas dimensões da realidade.

A leitura dos ensaios sobre avaliação educacional nos *Cadernos de Pesquisa* freqüentemente conduz a alguns problemas específicos, como quantitativo versus qualitativo, restrição da avaliação ao rendimento escolar, e a questão do uso das técnicas da pesquisa participante.

O problema do qualitativo e do quantitativo em avaliação educacional costuma ser recorrente mas, na verdade, são aspectos que se equilibram, malgrado as distorções que precisariam ser corrigidas. A dicotomia, apesar de algumas vezes ressaltada, é falsa. O problema não está na quantificação ou na qualificação, mas no super-dimensionamento de um desses enfoques, com a exclusão do outro. A interação de ambas as abordagens é uma necessidade imperativa, pois a avaliação, face à sua natureza, exige um posicionamento crítico, que só ocorre na medida em que o quantitativo e o qualitativo se inter-relacionam.

A avaliação educacional, deve-se reiterar com freqüência, não se limita à área do rendimento escolar. Isso seria reduzi-la a uma contabilidade educacional conseqüente à aplicação dos instrumentos. A avaliação não pode ficar restrita a essa situação que, por si, já é bastante limitadora; desse modo, dependendo de seus objetivos, o processo de avaliação exige, naturalmente, a utilização de métodos quantitativos e qualitativos, além de outros, o que vai exigir o emprego de modelos complexos de análise, conforme se observa em vários trabalhos publicados nos CP.

A utilização das técnicas da pesquisa participante em estudos de avaliação, salvo raras exceções, ainda não chegou ao nosso contexto educacional. Se à avaliação for dada uma dimensão participante, conforme se vê no estudo de Campos (CP49, 1984), o principal beneficiário será o aluno, como sujeito ativo do processo ensino-aprendizagem, graças à possibilidade de observar adequadamente seu comportamento e analisá-lo por intermédio de ampla discussão, o que levaria à recuperação de suas possíveis deficiências.

A questão da avaliação participante é das mais complexas, mas de grande pertinência (Demo, CP48, 1984). As dúvidas geradas pela avaliação participante são inúmeras, mas não são exclusivas desse tipo de investigação. Elas também existem na avaliação quantitativa. Entretanto, as avaliações qualitativas e quantitativas não se conflitam, antes se complementam em um processo interativo, que leva ao conhecimento das várias dimensões da realidade, inclusive na área da educação.

A natureza do presente trabalho não possibilita discutir a totalidade do material sobre avaliação educacional publicado nos *Cadernos de Pesquisa* e explorar em profundidade sua riqueza; no entanto, conforme acentuou Krasilchik (CP48, 1984), à avaliação deve seguir a avaliação da própria avaliação, ou seja, a meta-avaliação, a fim de evitar repetições de pesquisas que pouco informam e simplesmente representam desperdício de esforços e investimentos financeiros, geralmente bastante escassos na área da avaliação educacional. Os projetos educacionais, quando não devidamente avaliados, tendem a reproduzir deficiências que contribuem para anular sua possível validade.

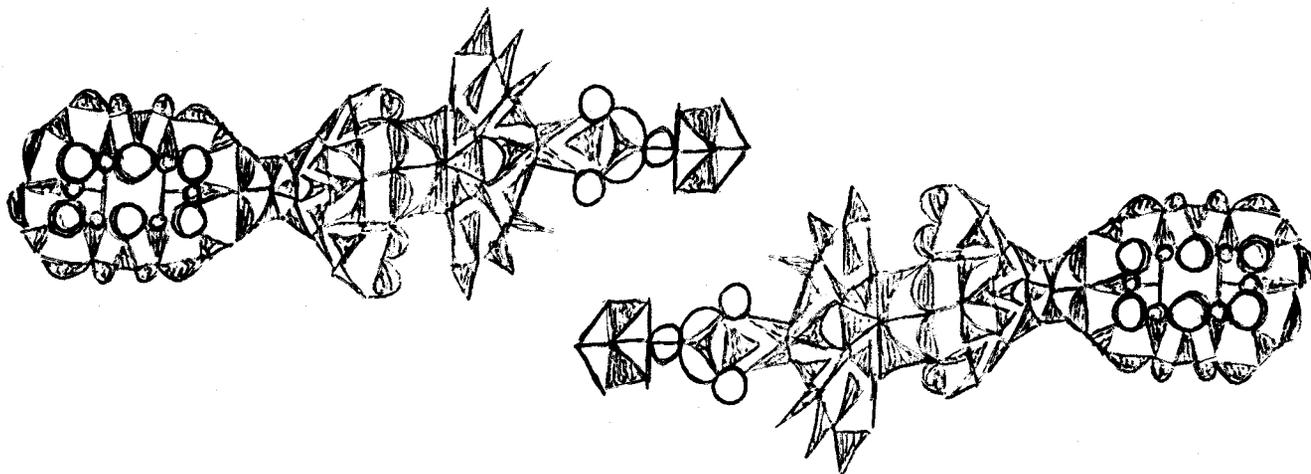
Inexiste em nosso contexto uma cultura da avaliação, mas, por pressões de autoridades educacionais e das grandes agências financiadoras, a avaliação começa a ser colocada em primeiro plano e sua execução considerada uma necessidade de primeira grandeza. Há, contudo, falta de elementos qualificados para o exercício da avaliação, salvo algumas exceções. O avaliador nacional, geralmente, é um "corpo estranho" aos projetos. Às vezes são convidados avaliadores estrangeiros, importantes, sem dúvida, por sua ampla experiência e conhecimentos, mas cuja presença pode gerar situações paradoxais, como o emprego de instrumentos e técnicas supostamente

sofisticadas, mas que não atendem às necessidades elementares do projeto e especialmente de seus usuários.

A avaliação implica a análise de dados quantitativos e de informações qualitativas, mas, ao contrário da crença generalizada, não cabe ao avaliador propor soluções para os problemas, que são indicados para consideração dos envolvidos no processo educacional. O problema está na adoção de metodologias adequadas que possam configurar a problemática anali-

sada, independentemente das técnicas serem quantitativas ou qualitativas, conforme pode ser constatado em vários trabalhos dos CP.

O esforço dos colaboradores dos CP mostra que começa a surgir uma consciência da importância da avaliação educacional, e que um esboço de prática da avaliação, aplicada à realidade educacional brasileira, principia a definir-se com traços bastante nítidos, segundo se pode verificar a partir da bibliografia a seguir apresentada.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACIOLY, Nadja M., SCHLIEMANN, Analúcia D. Escolarização e conhecimento de matemática desenvolvido no contexto do jogo do bicho. *CP* 61, p.42-57, maio 1987.
- ALMEIDA, Lenita M. C. Evasão e repetência nas 5^{as} séries do 1^o grau. *CP* 56, p.106-10, fev.1986.
- ALVES, Dulce D. [Resenha. Rodrigues, A.]. Testes de aptidão na seleção de candidatas ao ensino superior. *CP* 12, p.61-4, mar.1975.
- ANDRÉ, Marli E. D. A. A avaliação da escola e a avaliação na escola. *CP* 74, p.68-70, ago.1990.
- _____. Um estudo da interação professor-aluno na 2^a série do 1^o grau. *CP* 28, p.21-5, mar.1979.
- _____. Estudo de caso: seu potencial na educação. *CP* 49, p.51-4, maio 1984.
- ANDRÉ, Marli E. D. A., CANDAU, Vera M. O projeto Logos II e sua atuação junto aos professores leigos do Piauí: um estudo avaliativo. *CP* 50, p.22-8, ago.1984.
- ARAÚJO, Antônio P. Avaliação do estágio de Prática de Ensino do curso de licenciatura plena em Matemática da UFRN. *CP* 46, p.75-8, ago.1983.
- ARAÚJO, Antônio P., OLIVEIRA, João B. TV-E Maranhão: um caso efetivo de crescimento endógeno. *CP* 18, p.5-13, set.1976.
- AVERBUCK, Lígia M. Expressão verbal escrita de alunos do primeiro ciclo da UFRGS: a estrutura do parágrafo e processos de pensamento lógico. *CP* 26, p.35-42, set.1978.
- BACCEGA, Ma. Aparecida. Uma abordagem sociolinguística. *CP* 23, p.73-82, dez.1977.
- BALZAN, Newton C. Atitudes e níveis de realização observados em ex-alunos. *CP* 26, p.43-59, set.1978.
- _____. Estudos Sociais: opiniões e atitudes de ex-alunos. *CP* 22, p.31-70, set.1977.
- BARRETO, Elba S. S. Bons e maus alunos e suas famílias, vistos pela professora de 1^o grau. *CP* 37, p.84-9, maio 1981.
- BARRETO, Elba S. S., MENEZES, Sônia M.C. de. Os cursos programados individualizados (CPIs): recurso ou solução? *CP* 11, p.61-72, dez.1974.
- BARROSO, Carmen L. M. Estudos de predição do comportamento acadêmico — II: Faculdade de Medicina. *CP* 5, p.55-76, nov.1972.
- _____. Pesos nominais e pesos efetivos no vestibular do CESCEM. *CP* 6, p.5-12, dez.1972.
- _____. [Resenha de: Ferretti, C. J.] Avaliação de um programa de informação escolar e profissional. *CP* 11, p.71-2, dez.1974.
- BARROSO, Carmen L. M., BARRETO, Elba S. S. O vestibular e a auto-estima do jovem. *CP* 16, p.48-61, mar.1976.
- BARROSO, Carmen L. M., MELLO, Guiomar N. O acesso da mulher ao ensino superior brasileiro. *CP* 15, p.47-77, dez.1975.
- BARROSO, Carmen L. M., MELLO, Guiomar N., FARIA, Ana Lúcia G. Influência de características do aluno na avaliação de seu desempenho. *CP* 26, p.61-80, set.1978.
- BARROSO, Carmen L. M., RIBEIRO NETTO, Adolpho, COELHO, Ma. Helena M. Estudos de predição do comportamento acadêmico — I: Faculdade de Medicina Veterinária da USP. *CP* 5, p.37-53, nov.1972.

- BREEN III, Thomas F. Estabilidade do concurso vestibular do CEECEM. *CP* 12, p.49-53, mar.1975.
- BUCHWEITZ, Bernardo. Efeitos do sistema Keller sobre o estudante. *CP* 28, p.35-46, mar.1979.
- _____. Testes de múltipla escolha e de resposta livre em Física Geral. *CP* 16, p.3-6, mar.1975.
- CAMARGO, Dair A.F. Desempenho operatório e desempenho escolar. *CP* 74, p.47-56, ago.1990.
- _____. Um estudo quantitativo sobre a reprovação no curso primário. *CP* 12, p.3-18, mar.1975.
- _____. Um estudo quantitativo sobre o rendimento escolar, expresso em notas. *CP* 21, p.9-14, jun.1977.
- CAMPOS, Ma. Christina S. Formação do magistério em São Paulo: do Império a 1930. *CP* 72, p.5-16, fev.1990.
- CAMPOS, Maria M. M. Pesquisa participante: possibilidades para o estudo da escola. *CP* 49, p.63-66, maio 1984.
- CARONE, Flávia B. O desempenho lingüístico dos candidatos ao vestibular: concordância verbal. *CP* 19, p.39-52, dez.1976.
- CARRAHER, Terezinha N., SCHLIEMANN, Analúcia D. Fracasso escolar: uma questão social. *CP* 45, p.3-19, maio 1983.
- CARRAHER, Terezinha N., CARRAHER, David W., SCHLIEMANN, Analúcia D. Na vida, dez; na escola, zero: os contextos culturais da aprendizagem da matemática. *CP* 42, p.79-86, ago.1982.
- CASTRO, Cláudio M. Secundário profissionalizante: prêmio de consolação? *CP* 17, p.41-52, jun.1976.
- CASTRO, Cláudio M. et al. Eficiência sem equidade ou equidade sem eficiência? O que nos diz uma análise dos custos da educação. *CP* 30, p.41-9, set.1979.
- CONTE, Doracy S. Associação entre rendimento escolar e indicadores de eficiência de professores: o caso de Brasília e cidades satélites. *CP* 50, p.29-39, ago.1984.
- CLOSS, Iria G. Mestrado em Educação no Brasil: retenção e produtividade. *CP* 27, p.41-57, dez.1978.
- D'ALMEIDA, Alfredo D. Ensino supletivo pela TV: um potencial mal aproveitado. *CP* 65, p.66-71, maio 1988.
- DALLAGO, Ma. Lúcia L. Exploração das condições dos alunos com maior defasagem entre a idade cronológica e a série em escolas rurais do Nordeste. *CP* 56, p. 19-26, fev.1986.
- DAVIS, Cláudia, DIETZSCH, Mary J. M. Avaliação da educação básica no Nordeste brasileiro: estudo do rendimento escolar na zona rural. *CP* 46, p.5-15, ago.1983.
- DAVIS, Cláudia, ESPOSITO, Yara L. Papel e função do erro na avaliação escolar. *CP* 74, p.71-5, ago.1990.
- DE LELLA, Cayetano. Os livros-texto do primário intensivo para adultos: principais interesses e opiniões de seus usuários. *CP* 61, p.30-41, maio 1987.
- DEMO, Pedro. Avaliação participante: algumas idéias iniciais para discussão. *CP* 48, p.67-73, fev.1984.
- FELDENS, Ma. das Graças F. Autonomia e mudança no comportamento instrucional de professores: uma investigação exploratória. *CP* 28, p.27-34, mar.1979.
- FERNANDES, Ma. do Socorro N. O desempenho lingüístico dos candidatos ao vestibular: distribuição dos demonstrativos; estudos das formas este/esse. *CP* 19, p.53-74, dez.1976.
- FERRETTI, Celso J. Avaliação de um programa de informação escolar e profissional. *CP* 11, p.3-20, dez.1974.
- FRANCO, Ma. Laura P.B. Pressupostos epistemológicos da avaliação educacional. *CP* 74, p.63-7, ago.1990.
- FRANCO, Ma. Laura P. B., BALLETTA, Andriara A. A. O. Cursos de Pedagogia: o que oferecem e como são avaliados pelos alunos. *CP* 30, p. 65-78, set.1979.
- FRANCO, Ma. Laura P. B., DURIGAN, Ma. Inês S. O aluno de cursos profissionalizantes a nível de 2º grau: um retrato sem retoques. *CP* 48, p.47-56, fev.1984.
- FUSARI, José C., CORTESE, Marlene P. Formação de professores a nível de 2º grau. *CP* 68, p.70-80, fev.1989.
- GATTI, Bernardete A. A utilização da técnica Q como instrumento de medida nas Ciências Humanas. *CP* 6, p.46-51, dez.1972.
- GATTI, Bernardete A., BERNARDES, Nara M.G. Concluintes de cursos de formação de professores a nível de 2º grau: avaliação de habilidades. *CP* 20, p.39-110, mar.1977.
- GATTI, Bernardete A., GOLDBERG, Ma. Amélia A. Influência dos kits "Os Cientistas" no desenvolvimento do comportamento científico em adolescentes. *CP* 10, p.13-23, ago.1974.
- GATTI, Bernardete A., MELLO, Guiomar N., BERNARDES, Nara M. G. Algumas considerações sobre treinamento de pessoal no ensino. *CP* 4, p.1-52, out.1972.
- GATTI, Bernardete A., ROVAI, Evangelina; PARO, Vítor H. Um estudo sobre os cursos de formação de professores a nível de 2º grau (antigos cursos normais). *CP* 20, p.15-37, mar.1977.
- GATTI, Bernardete A. et al. Avaliação de programa de treinamento de professores de 1ª série — 1º grau. *CP* 13, p.15-40, jun.1975a.
- _____. Avaliação de programa de treinamento para a função de assistente pedagógico. *CP* 13, p.41-67, jun.1975b.
- _____. A reprovação na 1ª série do 1º grau: um estudo de caso. *CP* 38, p.3-13, ago.1981.
- GÓES, Mª Cecília R. de. Critérios para avaliação de noções sobre a linguagem escrita em crianças não alfabetizadas. *CP* 49, p.3-14, maio 1984.
- GOLDBERG, Ma. Amélia A. Uma análise da fidedignidade da taxonomia de objetivos educacionais de Benjamin Bloom. *CP* 6, p.56-71, dez.1972.
- _____. Avaliação e planejamento educacional: problemas conceituais e metodológicos. *CP* 7, p.61-72, jun.1973.
- GOLDBERG, Ma. Amélia A., BARRETTO, Elba S. S., MENEZES, Sônia M. Avaliação educacional e educação de adultos. *CP* 8, p.7-110, set.1973.
- GOLDBERG, Ma. Amélia A. et al. Avaliação de competência no desempenho do papel de orientador educacional. *CP* 11, p.21-60, dez.1974.
- GONÇALVES, Obed. Incorporação de práticas curriculares nas escolas. *CP* 49, p.55-62, maio 1984.
- GOUVEIA, Aparecida J. Notas a respeito das diferentes propostas metodológicas apresentadas. *CP* 49, p.67-70, maio 1984.
- GUIRADO, Marlene et al. Influência do método Montessori na aquisição da noção de seriação. *CP* 26, p.81-6, set.1978.
- KRASILCHIK, Myriam. A avaliação da avaliação. *CP* 48, p.63-6, fev.1984.
- LUDKE, Menga. A pesquisa qualitativa e o estudo da escola — apresentação (simpósio). *CP* 49, p.43-4, maio 1984.
- LEMOS, Cláudia T. G. Algumas estratégias. *CP* 23, p.61-71, dez.1977.
- LIMA, Helena V. Figuras de retórica: desvios da língua comum? *CP* 23, p.17-28, dez.1977.
- MAMIZUKA, Roheni B. Estudo do parágrafo, problemas de organização. *CP* 23, p.37-42, dez.1977.

- MARIN, Alda J. Análise da situação de criatividade no ensino de adolescentes em uma cidade paulista. *CP* 35, p.35-51, nov.1980.
- MELLO, Guiomar N. Observação da interação professor-aluno: uma revisão crítica. *CP* 12, p.19-27, mar.1975.
- MELLO, Guiomar N., MAIA, Eny M., BRITTO, Vera M. V. As atuais condições de formação do professor de 1º grau: algumas reflexões e hipóteses de investigação. *CP* 45, p.71-8, maio 1983.
- MORAIS, Giselda S. et al. Professores leigos X professores habilitados. *CP* 59, p.15-26, nov.1986.
- MORO, Ma. Lúcia F. Iniciação em matemática e construções operatórias-concretas: alguns fatos e suposições. *CP* 45, p.20-4, maio 1983.
- NEGRÃO, Esmeralda V. Utilização do léxico: estudo dos adjetivos. *CP* 23, p.9-15, dez.1977.
- OLIVEIRA, Lólio L. A opção profissional: tendências e implicações para o vestibular. *CP* 6, p.13-9, dez.1972.
- OLIVEIRA, Marta K. Inteligência e vida cotidiana: competências cognitivas de adultos de baixa renda. *CP* 44, p.45-54, fev.1983.
- OSAKABE, Haqira. Provas de argumentação. *CP* 23, p.51-9, dez.1977.
- PATTO, Ma. Helena S. O fracasso escolar como objeto de estudo: anotações sobre as características de um discurso. *CP* 65, p.72-7, maio 1988.
- PÉCORA, Antonio A. B. Estudo do período, uma proposta pragmática. *CP* 23, p.29-36, dez.1977.
- POPPOVIC, Ana Maria. Fatores ambientais, classe social e realização escolar na marginalização cultural. *CP* 6, p.25-30, dez.1972.
- RIBEIRO, Eleonora E. T. et al. Critérios de aprovação de alunos de 1ª série do 1º grau, pesquisados junto a supervisores oficiais de Uberlândia - MG. *CP* 53, p.71-3, maio 1985.
- RIBEIRO NETTO, Adolpho. O vestibular no sistema educacional brasileiro. *CP* 24, p.47-51, mar.1978.
- ROCHA, Any D. C. Contribuição das revisões de pesquisa internacionais ao tema evasão e repetência no 1º grau. *CP* 45, p.57-65, maio 1983.
- RODRIGUES, Ada N. O desempenho lingüístico dos candidatos ao vestibular: sistema de proposições. *CP* 19, p.11-37, dez.1976.
- _____. Redações no vestibular. *CP* 23, p.5-6, dez.1977.
- RODRIGUES, Ada N., FREIRE, Berenice M. Emprego e distribuição de "onde". *CP* 23, p.42-9, dez.1977.
- ROSEMBERG, Fúlvia. Relações raciais e rendimento escolar. *CP* 63, p.19-23, nov.1987.
- _____. 2º Grau no Brasil: cobertura, clientela e recursos. *CP* 68, p.39-54, fev.1989.
- ROSEMBERG, Lia et al. Publicações para o professor: um estudo de caso. *CP* 30, p.57-64, set.1979.
- SANCHEZ, Vilma F. Um estudo de fidedignidade da taxonomia dos objetivos educacionais: domínio cognitivo. *CP* 6, p.20-4, dez.1972.
- SANDER, Benno. Recursos humanos e materiais nas instituições escolares de grau médio. *CP* 13, p.3-13, jun.1975.
- SANTAROSA, Lucila M.C. Curso modular de estatística e seus efeitos na aprendizagem. *CP* 22, p.3-15, set.1977.
- SCHIEFELBEIN, Ernesto, SIMMONS, John. Os determinantes do desempenho escolar: uma revisão de pesquisas nos países em desenvolvimento. *CP* 35, p.53-71, nov.1980.
- SEIFFERT, Otília M. L. B. Perfil do ensino de 2º grau no Pará. *CP* 68, p.55-61, fev.1989.
- SILVA, Fátima S. Análise psicolingüística da leitura de crianças nas séries iniciais do 1º grau. *CP* 58, p.58-68, ago.1986.
- SILVA, Rose N. 2º Grau: é preciso enfrentar o desafio. *CP* 74, p.76-9, ago.1990.
- SILVA, Teresa R. (Rose) N. O livro didático: reflexões sobre critérios de seleção e utilização. *CP* 44, p.98-101, fev.1983.
- _____. A responsabilidade pelo sucesso e fracasso escolar em crianças. *CP* 32, p.31-44, fev.1980.
- SOARES, Magda B. A redação no vestibular. *CP* 24, p.53-6, mar.1978.
- TENCA, Sueli C. Cursos noturnos: a pobre escolarização dos que trabalham. *CP* 43, p.37-41, nov.1982.
- THIOLLENT, Michel J. M. Aspectos qualitativos da metodologia de pesquisa com objetivos de descrição, avaliação e reconstrução. *CP* 49, p.45-50, maio 1984.
- VELLOSO, Jacques R. Exames de suplência: candidatos e rendimentos em cinco capitais. *CP* 27, p.19-39, dez.1978.
- VIANNA, Heraldo M. Aplicação de critérios de correção em provas de redação. *CP* 26, p.29-34, set.1978a.
- _____. Flutuações de julgamentos em provas de redação. *CP* 19, p.5-9, dez.1976a.
- _____. Impactos dos testes sobre os sistemas e objetivos educacionais: a experiência brasileira. *CP* 27, p.69-71, dez.1978b.
- _____. Medida da expressão escrita e prova objetiva: um estudo preliminar de validade. *CP* 38, p.26-44, ago.1981.
- _____. A prática da avaliação educacional: algumas colocações metodológicas. *CP* 69, p.40-7, maio 1989.
- _____. Processos alternativos de seleção para ingresso no ensino superior. *CP* 34, p.35-7, ago.1980.
- _____. Redação e medida da expressão escrita: algumas contribuições da pesquisa educacional. *CP* 16, p.41-7, mar.1976b.
- VICENTINI, Ma. Inês F. L., ASSIS, Múcio C. Terminalidade geral e continuidade de estudos de 2º grau: expectativas congruentes? *CP* 45, p.29-42, maio 1983.

Outras fontes:

- STAKE, Robert E. Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional. *Educação e Seleção*, São Paulo, n.7, jan./jun. 1983a.
- _____. Pesquisa qualitativa/naturalista: problemas epistemológicos. *Educação e Seleção*, São Paulo, n.7, jan./jun.1983b.